



FEMINIZAÇÃO DO TRABALHO E PATRIARCADO DE MÍDIA¹

Rafaela Martins de SOUZA²

¹ GT 8 – Estudos Críticos sobre identidade, gênero e raça

² Universidade de Coimbra, rafaelamartins1990@hotmail.com.

RESUMO

A assimetria entre os gêneros, embora assentada nos contextos históricos patriarcais, ganha, no sistema capitalista, particularidades e uma função determinada para a autovalorização do valor não sendo, portanto, possível tratar o problema como meramente contingencial. No presente trabalho, partimos da forma-comunicação (BOLAÑO, 2000) como derivação expressa na Indústria Cultural e descrevemos como ela é necessariamente também patriarcal em sua regulação.

Veloso (2013, 2017) identificou o patriarcado de mídia como processos que geram sub-representação feminina nos postos destacados de emprego na mídia, com prejuízos salariais e de carreira e sub-representação no próprio conteúdo midiático produzido com menores espaços para fontes femininas, com segmentação dos espaços de falas de mulheres, com salários desiguais para a execução das mesmas funções, com as barreiras impostas para o acesso a cargos de comando e diretoria, entre outros fenômenos. Entendemos o patriarcado de mídia a partir de Veloso, mas damos um passo atrás para sua compreensão em estrutura, para além do modo contingencial e, após esta compreensão, descrevemos o processo de “feminização” (MIRANDA, 2017) dos trabalhos de mídia como um desdobramento dos movimentos de subsunção (MARX, 2016) e comodificação (GARNHAN, 1990) que caracterizam prejuízos como precariedade, instabilidade, baixos salários e relações abusivas de trabalho.

Confrontaremos as teorias feministas baseadas nos operaístas italianos e a ideia de um “trabalho imaterial” (HARDT & NEGRI, 2001). Essas autoras defendem a ideia de um “trabalho de cuidado” Terranova (2000), Weeks (2007), Lynch (2007), McRobbie (2010) e Oksala (2016) como trabalhos produtivos e, cujas supostas “mercadorias” sejam embrenhadas de subjetividades. Elas dão destaque a características como a dedicação emocional e a personalização, como se tais características os imprimisse de uma peculiaridade e os distanciasse da lógica do valor, os recolocando em uma suposta esfera de “trabalho cognitivo” ou “imaterial”.

Para uma interpretação marxiana do processo, a materialidade ou imaterialidade do trabalho não é relevante. Muitos dos trabalhos definidos por essas autoras como “trabalhos imateriais de afeto”, são trabalhos de serviços como os de comissárias de bordo, de cuidadoras de idosos ou de empregadas domésticas. Retomamos a teoria do valor de Marx para a compreensão de tais equívocos. Após tal desenvolvimento teórico, temos condições de compreender os processos de “feminização” do trabalho e sua correlação com o patriarcado de mídia, sem as distorções da teoria do “trabalho do afeto” e retomando a importância da teoria do valor para a compreensão do problema. Usamos a revisão bibliográfica como metodologia para alcançar tal resultado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLAÑO, C. R. **Indústria cultural: informação e capitalismo**. São Paulo: Hucitec / Pólis, 2000.

GARNHAM, N. **Capitalism and Communication – Global culture and the economics of information**. SAGE publications Ltd. London, UK, 1990.

HARDT, M; NEGRI, A. **Império**. Record; 11ª edição. ISBN-10: 8501059552. ISBN-13: 978-8501059550, 2001.

LYNCH, K. Love labour as a distinct and non-commodifiable form of care labour. **The Sociological Review**. Published by Blackwell Publishing Inc., 9600 Garsington Road, Oxford OX4 2DQ, UK and 350 Main Street, Malden, 02148, USA. DOI: 10.1111/j.1467-954X.2007.00714.x, 2007).

MARX, K. **O capital: Livro I - O processo de produção do capital**. Trad. Reginaldo Anna. Civilização Brasileira; 31ª edição (14 outubro 1998), 2016.

MCROBBIE, A. Reflections On Feminism, Immaterial Labour And The Post-fordist Regime. **New Formations**. DOI:10.3898/NEWF.70.04.2010, 2010.

MIRANDA, J. M. S. Contributos para o estudo sobre a feminização do jornalismo português. **Media & Jornalismo**, 17(30), 27-42. https://doi.org/10.14195/2183-5462_30_2, 2017.

OKSALA, J. **Affective Labor and Feminist Politics**. University of Chicago Press. Signs, Vol. 41, No. 2 (Winter 2016), pp. 281-303, 2016.

TERRANOVA, T. Free Labor - producing culture for the digital economy. **Social Text** 63, Vol. 18, No. 2. Copyright © 2000 by Duke University Press, 2000.

VELOSO, A. M. C. **Gênero, Poder e Resistência: As mulheres nas indústrias culturais em 11 países**. Tese (Programa de Pós-graduação em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2013.

_____. Um breve mapa das desigualdades de gênero nos meios de comunicação. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba. Anais [...]. Curitiba, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2449-1.pdf>, 2017.

WEEKS, K. Life Within and Against Work: Affective Labor, Feminist Critique, and Post-Fordist Politics. **Ephemera - theory & politics in organization**. volume 7(1): 233-249. ISSN 1473-2866, 2007.